O REI MENINO

Tércio Machado Siqueira

O livro de 2Reis menciona que o Reino de Judá teve dois monarcas meninos: Joás (11,1–12,2) e Josias (22,1-2). Segundo o redator desta obra, eles não decepcionaram, pois ambos receberam a mesma avaliação: "e fez o que é agradável aos olhos de Javé" (12,3; 22,2). Aparentemente, soa estranho essa história, mas é preciso encontrar as razões para tais acontecimentos na história da monarquia israelita, em Judá. Podemos trabalhar com duas hipóteses, ambas substanciadas na história da monarquia em Judá.

1. Seriam essas duas ocorrências uma conseqüência lógica de fatores históricos, já que os seus antecessores – Atalia, Manassés e Amon – teriam eliminado toda a família real? É interessante observar que Atalia, para preservar-se no trono de Jerusalém, "exterminou toda a descendência real" (2Rs 11,1) e Amon "seguiu em tudo a conduta de seu pai" (21,21). Como Manassés foi o mais sanguinário dos reis, em Judá (21,1-18), é possível que Amon, ao ser morto, tivesse somente o menino Josias como descendente. Diante disso, um grupo de pessoas, denominado, pelo Historiador Deuteronomista, Povo da Terra, fez cumprir o princípio encontrado em 2Sm 7, instalando o menino Josias no trono, em Jerusalém (2Rs 21,24). Em outras palavras, a unção e coroação desses dois meninos estão em função de fatores ligados à política de sucessão monárquica (2Sm 7,12-16).

2. A segunda hipótese trabalha mais com a teologia e a tradição. A entronização de Joás e Josias não deve ser vista como uma eventual carência de descendentes de Davi, mas como um princípio teológico. O fator de escolha não depende da iniciativa humana, mas da decisão divina. E os critérios de Javé, muitas vezes, não seguem a lógica humana. O exemplo gerador dessa tradição está em 1Sm 16,1-23. Esse texto parece representar o ambiente vivencial da prática de ungir uma criança para a função de reinar sobre o povo no Reino de Judá. Esse episódio na vida de Davi parece lançar luzes sobre outros acontecimentos da história bíblica, especialmente as entronizações dos meninos Joás e Josias. O primeiro tinha sete anos (2Rs 11,21) e o segundo oito anos (22,1) quando assumiram a missão de reinar sobre Judá.

A. A tradição do rei menino na Obra Historiográfica Deuteronomista

Antes de entrarmos, propriamente, no assunto, é importante dizer que a hipótese levantada por Martin Noth, segundo a qual os livros Deuteronômio, Josué, Juízes, 1 e 2Samuel, 1 e 2Reis constituem a Obra Historiográfica Deuteronomista, tem resistido aos ataques dos críticos e é reafirmada, na sua essência, depois de várias décadas.

Textos como a narrativa da unção de Davi (1Sm 16,1-13) ou dos relatórios sobre Joás e Josias não devem ser tomados como da mão deuteronomista. Esse foi um redator que, por volta do século VI aC, pesquisou muitas fontes históricas (inclusive o desaparecido "Livro dos Anais dos Reis de Judá") e recolheu outras pequenas histórias contadas pelo povo, provavelmente, nas três principais festas de Israel.

1. A unção do menino Davi (1Sm 16,1-13)

Embora essa narrativa não mencione o termo hebraico *melek* "rei", todavia ele está subentendido. O relato da unção de Davi é parte integrante de um grande complexo literário que tematiza o crescimento do poder de Davi que inicia em 1Sm 16 e termina em 2Sm 5 com a conquista de Jerusalém. Evidentemente que essa abertura (1Sm 16,1-13) possui um peso teológico muito grande sobre toda a vida e obra de Davi cuja história se estende até 1Rs 2. O fato de relatar a *masiah* unção do menino Davi, sem referir-se à função de rei, não diminui o significado da intenção do texto. Podemos até justificar essa ausência, argumentando que o ambiente da unção de Davi estava cercado da ameaça de morte (v. 1-3). Samuel temia por sua segurança e, em virtude disso, Javé sugeriu-lhe que despistasse, levando uma ovelha para o sacrifício. Assim, a ausência da palavra *melek*, nessa cerimônia de unção, não diminui a intenção dessa narrativa no contexto da história bíblica.

Provavelmente, essa narrativa não recebeu dos seus transmissores e, especialmente, do Historiador Deuteronomista substanciais acréscimos. A não referência direta ao rei, nesse texto, pode ser um sinal de antigüidade do relato. A familiaridade do ungido com Javé é descrita através do *ruah* espírito, isto é, com ação e atos de Deus. A função de rei ainda não era legitimada pelo povo. Ademais, é muito provável que a relação entre unção e rei não tenha atingido a forte conotação escatológico-messiânica como vemos a partir do fim do século VIII aC. Enfim a história da unção do menino Davi representou o primeiro panfleto de promoção da ideologia davidita.

A finalidade desse relato é assinalar que havia uma estreita relação que une Javé ao rei. A unção de Davi possibilitou-lhe uma familiaridade com Javé (1Sm 16,13), bem como a imunidade e legitimidade para exercer o cargo de rei de todo Israel (2Sm 1,14.16; 19,22).

Sendo assim, a intenção maior dessa perícope não é, propriamente, o escatológico-messiânico. O messianismo davidita é uma criação pós-Davi, gerada nas difíceis crises político-econômicas que o povo de Deus enfrentou. O relato está apontando para as qualidades carismáticas, concedidas por Javé a Davi, através da escolha para a unção. Entre essas qualidades, a tradição guardou e transmitiu a escolha de um descendente de Davi para reinar sobre o povo, na esperança de que ele viesse resgatar e concretizar o projeto criado por ele. As qualidades de Davi passaram a fazer parte do ungido esperado: "menino e pastor" (v. 11); "ruivo, de belo semblante e admirável presença" (v. 12). No mesmo capítulo 16, o ungido é também descrito como filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar e é um valente guerreiro, fala bem, é de boa aparência e Javé está com ele (v. 18).

Sumariando

Vemos no texto 1Sm 16,1-13, em vista da ausência da palavra "rei", uma real indicação de antigüidade. Essa hipótese é substanciada pela relação da unção com o Espírito de Javé (v. 13) que é um poder carismático, próprio das mais originais doações divinas aos seus enviados. O Historiador Deuteronomista não alterou substancialmente o texto original ao não introduzir no texto bíblico a palavra *melek*, mas mantendo coerentemente a primitiva familiaridade entre *masiah* e *ruah*. Por outro lado, a oculta relação da unção com o rei fica clara quando tomamos essa perícope como parte do grande complexo literário que descreve a história da ascensão de Davi (1Sm 16–2Sm 5).

Assim, 1Sm 16,1-13 deve ser visto e tomado como a raiz de uma grandiosa tradição: o messianismo davidita. Esse veio da tradição bíblica está nitidamente presente em toda a Bíblia.

2. Joás e Josias – meninos e reis (2Rs 11,1-20; 22,1-2)

Aparentemente, o estudante da Bíblia não tem dificuldade com essas duas informações. Primeiro, porque, freqüentemente, os leitores da Bíblia simplificam as explicações das ocorrências contidas nela. É muito comum alguém explicar fatos como a entronização de reis-meninos, afirmando: "tudo é possível" ou "se Deus aprova, tudo pode acontecer". Essa posição não valoriza a pesquisa, mas incentiva a fé irracional. Segundo, parece que as leis que regem a sucessão dinástica permitem que, em caso de não haver um descendente adulto do rei morto, se entronize um membro da família, mesmo que ele fosse de menor idade. Isso fica claro na história de Joás que foi salvo, pela tia, Joseba, do extermínio da família real, empreendido pela avó, Atalia (2Rs 11,1-3). O fato de Joás ser preservado e, posteriormente, feito rei de Judá escondia uma tradição teológica que estava presente e viva entre o povo de Judá. Essa segunda posição está sustentada em fatos históricos.

Quando tomamos a reportagem da entronização de Josias, sentimos mais segurança em afirmar que a escolha de um rei menino para governar o povo de Judá não foi pura eventualidade. Toda a história de Josias, incluindo o seu antecessor Amon (2Rs 21,19–23,30), não faz referência à escassez de descendentes de Davi. Isso é um sintoma de que devemos intensificar a busca de outros motivos para a escolha de um menino para ocupar o trono, em Jerusalém. Eventualmente, a escolha de Joás deu-se sem alternativa. Entretanto, fica a pergunta: por que as autoridades religiosas, militares e civis não interceptaram, a tempo, a fúria assassina de Atalia? Por isso é necessário intensificar a suspeita de que a escolha de Joás tem muito a ver com as razões da eleição de Josias. Daí surgem mais duas oportunas questões: Não estariam essas duas escolhas movidas por uma mesma tradição? Se isso for verdade, quem seria o guardião desta tradição, em Judá?

3. Uma tradição e os seus condutores

O Antigo Testamento contém muitas expressões de fé. Essas foram cunhadas na história, através de narrativas. Não há nele intenção de ser um livro de coerentes doutrinas, mas sua pregação e sua teologia foram extraídas da experiência do povo com o seu Deus Javé. Como a experiência histórica do povo de Israel foi variada – vida pastoril nas estepes e nas montanhas, vida nos campos agrícolas e vida na cidade – as experiências e, conseqüentemente, as articulações teológicas foram variadas. As narrativas bíblicas atestam isso. É bem verdade que, no início da monarquia, a vida nos campos agrícolas era muito mais significativa do que em outros ambientes.

Quando o Historiador Deuteronomista, em meados do século VI aC, quis encontrar os motivos da maior tragédia da história bíblica, ele pesquisou nas narrativas existentes entre o povo, especialmente, aquelas contadas durante as principais festas populares. Nessas narrativas que contam as lutas pela sobrevivência, o historiador encontrou fortes e decisivas expressões de fé. Mas, ao editar todas essas narrativas, o historiador viu na fé um fator unificador e lançou mão do critério seqüencial dos acontecimentos. Por isso as manifestações particulares dos habitantes do campo e da cidade, do norte e do sul, não estão devidamente agrupadas, isto é, apresentadas em blocos literários.

B. A tradição do rei menino no profeta Isaías

1. Dois veios do davidismo em Judá

Antes de abordarmos o assunto acima proposto, é oportuna uma explicação. O profeta Isaías viveu e pregou em Jerusalém, no final do século VIII aC. Em sua pregação, percebemos uma forte influência da tradição sionita de Jerusalém. Texto como 29,1-8 assinala a tendência desta teologia. Isaías destaca nesse texto dois pontos básicos em sua pregação: primeiro, os v. 1-4 anunciam a ameaça de castigo – "porei Ariel em aperto", "acamparei contra Ariel", "estabelecerei contra ti trincheiras e levantarei contra ti vigia", "serás abatida"; segundo, apesar de tantas ameaças, Isaías completa o seu oráculo com uma promessa de salvação da cidade de Jerusalém – "Tu serás visitada por Javé dos Exércitos" (v. 5-8). O argumento do profeta gira sempre em torno da ameaça de castigo e da libertação de Sião. Num outro oráculo (1,4-9), ele admoesta e acusa duramente Jerusalém de iniqüidade e crime (v. 4), mas, por fim, afirma: "se não fosse Javé dos Exércitos... seríamos aniquilados" (v. 9).

Todavia, outros textos de Isaías indicam que ele possuía uma certa identidade com a teologia do povo da roça. Textos como o Cântico da Vinha (5,1-7) e o Livro de Emanuel (6,1–9,20; 11,1-16). Parece não haver relação entre esses dois hinos, entretanto estamos argumentando que o profeta não era indiferente ao pensamento do povo que vivia e trabalhava no interior de Judá. Tampouco Isaías era um fanático, fechado em suas convicções. Apesar de sua teologia pregar a constante presença protetora e salvadora de Javé dos Exércitos no templo, ele é um crítico daqueles que euforica-

mente acreditavam na garantia irrestrita de proteção divina. Para ele, a presença de Javé em Jerusalém é, acima de tudo, uma responsabilidade (2,2-5; 14,32).

2. O messias menino em Isaías

Em Judá, no final do século VIII aC, o povo contava com a pregação de dois profetas: Isaías que vivia em Jerusalém e convivia com a tradição davidita sionita; Miquéias foi um filho da região mais populosa e agrícola de Judá (1,1) que confessava uma convicção, provavelmente, mais original e pura do davidismo.

Miquéias e Isaías foram contemporâneos, viveram sob o mesmo governo, mas pregaram, provavelmente, em lugares e para públicos diferentes. Ambos possuíam o mesmo alvo, porém percorreram caminhos alternativos. Eles caminharam por diferentes trilhas, especialmente porque Isaías acrescentou à sua teologia davidita a idéia de que Javé, através do seu *masiah* ungido iria reinar sobre todas as nações a partir de Jerusalém, seu definitivo trono e morada (conferir Sl 2).

A bem da verdade, a palavra *masiah* ungido (Is 45,1) e o verbo *masah* ungir (Is 21,9) têm ocorrência pequena, para a grande preocupação, de Isaías, com o tema. Parece que esse termo ganhou significado e popularidade dentro do davidismo judaíta a partir do exílio babilônico. Para o profeta, Javé fará repetir suas intervenções, em favor do povo sofrido e massacrado pelos assírios, e providenciará um libertador que terá as características de Davi. Não propriamente de Moisés, pois o perfil desse novo libertador está esboçado com fortes traços de um monarca. Da história da libertação do Egito, Isaías guarda uma característica: o menino (Ex 2,1-22).

É interessante analisar o perfil desse libertador esboçado pelo profeta Isaías. Nenhum outro profeta foi tão detalhista e fiel à tradição davidita quanto ele. Sem perder a essência dessa tradição, ele inovou e ampliou o perfil do salvador de seu povo, bem como estabeleceu os fundamentos teológicos desse novo veio traditivo. Sua argumentação foi tão clara e convincente que suas palavras foram tomadas por Jesus e os evangelistas para descrever a chegada do tempo-novo.

a) A relação com a crise – A crise político-econômica sempre esteve na origem dos movimentos de libertação que, posteriormente, ganharam conotação messiânica. O quadro, desenhado por Isaías, da chegada do libertador tem como cenário o povo andando em trevas (8,21–9,3) e a terra oprimida, afatigada, faminta, enfurecida e angustiada (8,21-23).

b) A grande surpresa! – Diante de problemas tão volumosos, era normal que o profeta anunciasse soluções adultas. Porém, surpreendentemente ele declara que a libertação teria início com a concepção de uma jovem frágil e, ainda, imatura na arte de educar filhos (7,14; conferir Mt 1,23). Para Isaías, isso não é importante, pois ele tinha firme na memória que o *ruah* Espírito de Javé repousaria sobre este rebento (1Sm 16,13). Javé estaria com Ele e com todo o povo. Muito mais! Esse broto será uma semente santa (6,13). Apesar de ser um rebento, um broto, um menino, ele será

grande e será chamado filho do Altíssimo (9,6; Mq 5,1; conferir Lc 1,32-33). Por isso seu nome seria Emanuel, Deus-conosco (é bom dizer, aqui, que o nome, no Antigo Testamento, não é uma simples etiqueta, mas uma realidade da pessoa que o porta).

É certo que o profeta Isaías não criou, nem mesmo legitimou essa teologia. Ele apenas popularizou-a e deu a ela substância teológica. Provavelmente, ele, educado no ambiente de Jerusalém, escandalizou a todos os residentes dessa cidade, ao traçar o perfil do libertador do povo em termos de fragilidade: criança. Certamente, os jerusalemitas questionaram o profeta sobre essa surpreendente afirmação. Como uma criança exercitaria a justiça e o direito (9,6; 11,4.5), entre o povo? Todavia, a reinterpretação da tradição davidita, feita por Isaías e Miquéias, foi plenamente aceita pelas gerações que se seguiram. Essa releitura estava justificada na realidade vivida pelos israelitas, cada vez mais explorados pelos povos assírios, babilônios, persas, gregos, entre outros.

A cada dia mais fracos, sob dominadores mais fortes, os profetas identificaram e proclamaram que o libertador teria a cara do povo: frágil como um menino; explorado como um pobre (Zc 9,9); doente como um escravo (Is 52,13–53,12).

C. O messianismo dos camponeses de Judá

Embora já afirmado indiretamente acima, os grupos israelitas que povoaram o sul da Palestina expressaram sua fé e projetaram o seu futuro de modo diverso dos que habitaram o norte. Por exemplo, o povo do sul cercou o regime monárquico com todos os cuidados para que ele permanecesse para sempre. Não somente isso! Os sulistas desenvolveram, em torno da figura de Davi, uma forte tradição. Tão forte que ela possui duas expressões que convivem lado a lado nas páginas da Bíblia. Uma é a tradição cultivada em Sião. A outra é a tradição dos camponeses de Judá. Ambas têm como referência a figura de Davi. Em vista dos textos 1Sm 16,1-13; 2Rs 11,1-20; 22,1-2, que estamos analisando, vamos concentrar os nossos esforços na tradição cultivada entre os agricultores de Judá.

Os agricultores e pastores da região de Judá herdaram de seus ancestrais uma memória extraordinariamente bonita e significativa. Essa memória tinha como centro a figura de Davi, um belemita, como eles, que empreendeu um governo extremamente bem sucedido em todo Israel. Ainda criança, Davi foi ungido rei para realizar um dos mais positivos governos – seja como conquistador, seja como administrador ou como promotor do bem-estar entre o povo. Sua liderança possibilitou-lhe uma popularidade tão grande que, em torno de sua figura, desenvolveu-se uma ideologia política prenhe de espiritualidade. É certo que o davidismo, seja camponês ou sionita, se localizou na região de Judá.

Apesar de o davidismo encontrado em Jerusalém e o do interior de Judá estarem correlacionados um ou outro, eles expressam-se, na Bíblia, de modo diverso. Tudo faz crer que a unção do "rei menino" era uma convicção do povo da roça, em Judá.

Vivendo do trabalho agrícola e pastoril, essas pessoas foram obrigadas a crer que Javé tornava possíveis as impossibilidades da vida. Sem a ajuda dos exércitos mercenários, nas guerras de defesa, eles aprenderam a acreditar no carisma divino, em lugar do profissionalismo dos soldados. Parece que a legitimação dessa posição é confirmada pela história da vitória de Davi sobre o soldado Golias (1Sm 17,1-58). É sugestivo observar que em torno dessa convicção o pessoal do campo desenvolveu uma bonita e significativa série de argumentos. Israel, para voltar a ser forte e grande, precisa de um novo rei como Davi e as características desse novo rei serão: da linhagem de Davi (2Sm 7,8-16; Sl 89,4-5); ligado aos pequenos e fracos (Mq 5,1) e relacionado à fragilidade de uma criança (Is 9,5; 7,14; 11,1).

A fé javista revelou-se surpreendente ao longo da história narrada pelo Antigo Testamento. Às vezes, temos a sensação que ela andava na contramão da história dos povos do Antigo Oriente Médio. Quando todos sacrificavam as crianças para obter favores dos deuses, o javismo recusou tal prática (Gn 22,1-19; Lv 20,1-7). Da mesma forma, quando todos concordavam que somente o poder econômico, a força das armas e dos carros de guerra poderiam controlar o mundo, os agricultores e pastores do interior de Judá afirmaram que a esperança de salvação estava num *masiah* ungido, menino e frágil. Séculos depois, cerca de quinhentos anos antes de Cristo, o profeta Zacarias acrescentou mais um detalhe no perfil do esperado messias: "o teu rei vem a ti, justo e protegido, pobre e montado num jumento" (9,9).

Concluindo

A tradição do messias criança, aquele que viria libertar o povo de Deus, manteve-se viva ao longo da história bíblica, a partir de Davi. Nem todos os israelitas acreditavam em tais promessas, mas essa esperança teve um endereço: o povo da roça, mais propriamente, os agricultores e pastores residentes na rica região da Sefela. Esse grupo de trabalhadores, beneficiário das conquistas de Davi, guardou e transmitiu, provavelmente, as mais genuínas tradições em torno de Davi. A convicção de que uma criança poderia governar o povo de Israel faz parte da teologia destes agricultores. Ao longo dos séculos, essa tradição foi, sem alterar a sua essência, recebendo reinterpretações.

É bom acrescentar que o mantenedor e transmissor dessa tradição foi o Povo da Terra, um grupo politicamente ativo, em Judá, que interveio, pelo menos três vezes, na história da sucessão dinástica, em Jerusalém. Jeremias foi mais específico nessa identificação, em se tratando de um profeta membro do Povo da Terra: a transmissão estava a cargo dos anciãos da Terra (Jr 26,17-19), uma instituição ligada ao Povo da Terra. Qualquer tentativa para descobrir os guardadores da tradição do menino-rei naturalmente passa pelo Povo da Terra. Foi esse grupo que promoveu as entronizações dos meninos Joás (2Rs 11,1-20) e Josias (21,23-24), bem como a condução, ao trono, de Joacaz (23,30). Provavelmente, esse grupo teve também a responsabilidade de proteger e educar o menino-rei.

Finalmente, a tradição do rei-menino pode clarear uma das mais intrincadas práticas da Igreja Cristã, a saber, o batismo infantil. As igrejas praticantes do batismo infantil, freqüentemente, recorrem à prática judaica da circuncisão para argumentar em favor dessa doutrina. Todavia, não seria mais adequado buscar esse argumento na tradição messiânica davidita, onde a unção constituía um ato de fé e esperança em Javé?

Bibliografia

Bailão, Marcos Paulo. "O davidismo camponês". In: *Estudos Bíblicos,* 44. Petrópolis: Editora Vozes, p. 29-35.

Bailão, Marcos Paulo. *Até que venha Siló. Um estudo do messianismo pré-monárquico a partir de Gênesis 49,8-12.* Dissertação de Mestrado. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 1994.

Bailão, Marcos Paulo. "O nascimento do messianismo judaíta". In: *Estudos Bíblicos* 52, Petrópolis: Editora Vozes, p. 9-15.

Mayer, Judite Paulina. "Perspectivas messiânicas nos primórdios do judaísmo". In: *Estudos Bíblicos* 52, p. 16-27.

Oliveira, Antônio Roberto Monteiro de. "O anúncio messiânico de Isaías 32,1-9". In: *Estudos Bíblicos* 52, p. 28-37.

Schwantes, Milton. *O messias criança – Observações sobre Isaías 6–9 + 11.* Belo Horizonte: Centro de Estudos Bíblicos, 1987.

Schwantes, Milton. *O estado monárquico nas montanhas palestinenses no final do 11º século aC.* Pesquisa não publicada. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 1989, 52 p.

Schwantes, Milton. "Esperanças messiânicas e davídicas". In: *Estudos Bíblicos* 23, Petrópolis: Editora Vozes, p. 18-29.

Torres Bedoya, Luiz Eduardo. "O anúncio do rebento: uma saída para a crise – Messianismo em Zacarias 3,8-10". In: *Estudos Bíblicos* 52, p. 38-57.

Tércio Machado Siqueira
Rua do Sacramento 230
São Bernardo do Campo – SP
09735-460